

Dinheiro, amor, aparências: a construção do arrivismo em *Le Père Goriot* e *Senhora*

A presente pesquisa tem como objetivo a análise de dois personagens de obras centrais das literaturas francesa e brasileira: Fernando Seixas, presente em *Senhora*, de José de Alencar e Eugène de Rastignac, da obra de Honoré de Balzac, *Le Père Goriot*.

Creemos na relevância de tal tema por dois grandes motivos. O primeiro é aquele da predileção, do apreço (e porque não dizer encantamento) por tais romances. Em seguida evidencia-se a importância dos autores escolhidos e das obras a serem estudadas nas histórias das literaturas da França e do Brasil. Honoré de Balzac, pretendeu mostrar em sua ficção a diversidade dos tipos humanos de forma a dialogar com a História da França, recém Restaurada e pós-Napoleão, que se tornou um mito e exemplo a ser seguido. Assim, ler a produção balzaquiana possibilitaria a compreensão de uma sociedade em profundas mudanças, na qual o capitalismo dita as regras do sucesso e onde o romance fixa-se como mercadoria e modelo literário de larga popularidade¹. Em terras tropicais, José de Alencar atinge em *Senhora* sua maturidade como escritor, antecipando em vários aspectos o surgimento de nosso maior representante das Letras, Machado de Assis². Dessa forma, entender Alencar é buscar pistas sobre a formação da literatura brasileira e sobre a sociedade de sua época, aquela do Segundo Império, em que a escravidão ainda é vigente e vive-se na capital Rio de Janeiro uma espécie de desejada mimesis do que era Paris, seus salões e suas modas (dentre elas, o hábito de ler romances).

Tentaremos estabelecer semelhanças e diferenças entre os personagens citados, ambos arrivistas e já aproximados por outros críticos (“*Mesmo Seixas, um neto atenuado de Rastignac, faz um cálculo desse tipo: tratam-no como mercadoria?...*”³).

¹ Para isso, lemos como se dá a abundante produção de Balzac para o consumo mercadológico em Gengembre, Gérard. *Balzac: le Napoléon des lettres*. Paris: Gallimard, 2002.

² Antonio Candido e Roberto Schwarz tratam do assunto respectivamente em *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* e *Ao vencedor as batatas*. Os textos da chamada “crítica social” aparecerão em nosso estudo como um primeiro grande aparato teórico uma vez que a abordagem por nós escolhida privilegiará a relação entre literatura e sociedade.

³ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000, p 56.

No entanto, não buscaremos filiar o brasileiro ao francês, numa tentativa de identificar a simples influência do maior no menor, desenvolvendo uma crítica valorativa e de certa forma preconceituosa, mas sim ler a construção do arrivismo nos autores escolhidos como processos distintos, adaptados ao contexto social onde as obras foram produzidas (Alencar e a busca pelo “tamanho fluminense” em seu fazer literário, por exemplo). Para tal momento, a metodologia comparatista⁴ nos pareceu a mais adequada; porém, outras abordagens metodológicas virão nos ajudar oportunamente.

Chegamos assim na teoria da personagem⁵, com a qual pretendemos estudar a construção de Rastignac e Seixas e assim trazer para a análise a importância das personagens para a estrutura dos romances.

Em *Le Père Goriot*, Eugène de Rastignac nos é apresentado como qualquer outro participante da intriga e por isso, secundário. Na medida em que avançamos no texto e saímos da primeira leitura (aquela mais ingênua), vemos que o arrivista é realmente o centro do romance e que a figura de Goriot e sua história serve para apresentar Rastignac como um dos personagens mais importantes da Comédia Humana e também um dos que mais reaparecem no já famoso estratagema balzaquiano, “*le retour des personnages*”. Desta forma, *Le Père Goriot* poderia ser visto como um “*roman d’apprentissage*” para o jovem do interior vindo a Paris travar sua luta social.

Já em *Senhora*, Seixas aparece melhor estabelecido enquanto arrivista: já possui alguns meios materiais que o permitem levar uma vida luxuosa fora de casa, em suas aparições na sociedade carioca (pois sua vida doméstica era simples, descrita pelo autor como “mesquinha” e cheia de sacrifícios para as irmãs e a mãe). Opondo-o a Aurélia, a grande figura da ficção alencarina, Seixas pode parecer pouco profundo; mas sem ele, Aurélia não seria a senhora do romance; de certa maneira, as características da moça são ressaltadas em contraste com as de Seixas, um desequilíbrio desnecessário entre os personagens que participa da estrutura da obra.

⁴ O repertório teórico de literatura comparada ainda está na fase de leituras, porém citamos aqui o ponto de partida: Nitrini, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 2010.

⁵ Dentre outras, principalmente aquela apresentada em Candido, A. et al. *A personagem de ficção*. 10 ed, São Paulo: Perspectiva, 2002.

Enfim, o estudo não se pretende definitivo. Desejamos apenas abrir mais um horizonte interpretativo para as obras em questão, no *carrefour* das relações França-Brasil, desmistificando os “romances-esfinges”⁶, trazendo alguma luz para o misterioso fascínio provocado pelas escrituras de Balzac e Alencar.

⁶ PONTIERI, Regina Lúcia. *A voragem do olhar*. São Paulo: Perspectiva, 1988.